



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MATEUS JONAS MORAIS DOS SANTOS

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: DISCURSOS E SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Mossoró
2021

MATEUS JONAS MORAIS DOS SANTOS

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: DISCURSOS E SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador (a): Profa. Ma. Camila Praxedes de Brito.

Mossoró
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S237i

Santos, Mateus Jonas Morais dos

Intolerância religiosa: discursos e subjetividades na educação básica. / Mateus Jonas Morais dos Santos. - Mossoró RN, 2021.
53p.

Orientador (a): Profa. M^a. Camila Praxedes de Brito.

Monografia (Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Intolerância religiosa. 2. Religiões de matrizes africanas. 3. Análise do discurso. 4. Método arqueogenealógico. I. Brito, Camila Praxedes de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MATEUS JONAS MORAIS DOS SANTOS

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: DISCURSOS E SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 10/11/2021.

Banca Examinadora

Profa. Ma. Camila Praxedes de Brito – SEEC/RN
Orientadora

Profa. Ma. Ana Maria de Carvalho - UERN
Examinadora

Prof. Dr. Edgley Freire Tavares - UERN
Examinador

Dedico esta monografia à força superior que me dá força, coragem e energia de vida para alcançar os meus objetivos.

AGRADECIMENTO

A Deus, em primeiro lugar, que sempre me proporcionou muita força de vontade para continuar caminhando por esta jornada;

Aos meus pais, Maria Amélia Morais dos Santos e João Lopes dos Santos, que sempre me apoiaram e me deram amor e carinho por toda minha vida;

Às minhas irmãs Thâmara Santos e Bianca Morais que sempre foram uma grande fonte de inspiração;

Às minhas grandes amigas e irmãs de alma Ellen Carla, Fernanda Raquel, Grazielle Lacerda, Larissa Monteiro e Kalidja Clivia, pela paciência e conselhos doados durante todo este percurso. Amo vocês.

Às minhas amigas/irmãs de alma e jornada Emmanuele Nolasco e Dara Aires, por todo companheirismo durante todas as nossas apresentações e trabalhos acadêmicos, vou levar nossa amizade para vida. Amo vocês.

À minha prezada orientadora Profa. Ma. Camila Praxedes de Brito, pela dedicação e paciência.

“Não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez”.
(Raul Seixas)

RESUMO

A presente monografia traz à tona o modo como são construídos os discursos sobre a intolerância religiosa referente às religiões afro-brasileiras no ambiente escolar, partindo da concepção de que o cenário atual de intolerância religiosa recai fortemente sobre as religiões e matrizes africanas, sendo o Brasil um Estado laico. Esse fato tem aberto portas a discussões acerca de como esses discursos circulam no ambiente escolar e como os estudantes são afetados por eles. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva analisar como ocorre a produção dos discursos sobre intolerância religiosa, relacionada às religiões de matrizes africanas, na educação básica. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, cujos dados foram obtidos através de questionários cujas respostas foram analisadas através método arqueogenealógico de Michel Foucault para descrição/interpretação dos discursos criados pelos entrevistados. Os entrevistados expuseram através de suas respostas suas experiências, por meio das quais pode-se compreender singularidades desses sujeitos e como são constituídos esses discursos na escola. A análise mostrou que os entrevistados possuem, de uma forma geral, pontos de vista positivos sobre as expressões das religiões afro-brasileiras, porém, as respostas analisadas mostram que a sociedade contemporânea carece dessa forma de entender os diferentes religiões e aceitar as escolhas dos outros, a partir da perspectiva de outras pessoas na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Intolerância religiosa. Religiões de matrizes africanas. Análise do discurso. Método arqueogenealógico.

ABSTRACT

This research brings up the debate about how the discourses about religious intolerance against afro-brazilian religions are made in the school environment, from the concept that the current scenario of religious intolerance falls on religions of African origin in a more severe way, although Brazil is a secular state. That fact has opened discussions about how those discourses circulate in the school environment and how students are affected by them. In this perspective, this work has as an objective to analyze how discourses about religious intolerance against african origin religions are produced in basic education (kindergarten, elementary school and middle school). This study is an interdisciplinary research, which data has been obtained by the use of questionnaires. The answers were analyzed through Michel Foucault's arqueo-genealogical method for description and interpretation of the respondents' discourses. The respondents exposed their experiences, through which it was possible to comprehend singularities of those subjects and how the discourses are constituted at school. The analysis showed the respondents have, in a general way, positive points of view about afro-brazilian religions expressions, but the answers showed that contemporary society still lacks understanding of different religions and acceptance of others' choices *from the perspective of other people in brazilian society.*

Keywords: Religious Intolerance. African Origin Religiões. Discourse Analysis. Arqueo-genealogical Method.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Religião dos entrevistados.....	27
Gráfico 2 - Idade dos entrevistados.....	27
Gráfico 3 - Série que os entrevistados estão matriculados.....	28
Gráfico 4 - Você conhece religiões de matrizes africanas.....	30
Gráfico 5 - Você concorda com a presença de manifestações e/ou de símbolos religiosos na escola?	32
Gráfico 6 - Você já ouviu falar de algum caso/situação de desrespeito ou intolerância religiosa no ambiente escolar?	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ANÁLISE DO DISCURSO NA VISÃO DE FOUCAULT.....	14
2.1 Conceitos de discurso, enunciado e formação discursiva.....	15
2.2 Modos de subjetivação e as técnicas de si.....	19
3 CONTEXTO HISTÓRICO DA RELIGIÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	21
3.1 Sincretismo religioso do Brasil.....	23
3.2 Como a religião chega no ensino básico e o que dizem os documentos oficiais sobre o ensino da religião no brasil.....	25
4 ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	28
4.1 Análise do perfil dos entrevistados.....	28
4.2 Discursos e modos de subjetivação sobre da intolerância religiosa na escola.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....	47
ANEXO A - RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	48

1 INTRODUÇÃO

A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou mesmo a quem não segue uma religião (Agência Senado, 2013). Estas têm sido práticas comuns na sociedade contemporânea, mesmo em ambientes que deveriam pregar igualdade e respeito ao próximo como é o caso da Escola. Nesse ambiente, que deveria ser apenas de disseminação da cidadania e do conhecimento, discursos de intolerância religiosa têm sido vistos com frequência, principalmente, no que diz respeito às religiões de matrizes africanas. Por esta razão, propomos, neste estudo, uma análise dos discursos de intolerância religiosa, especificamente, as de matrizes africanas em escolas do ensino básico da cidade de Mossoró/RN.

Isto posto, este estudo tem como temática a intolerância religiosa relacionada às religiões de matrizes africanas na educação em algumas escolas da cidade de Mossoró RN. Sendo assim, criamos uma questão problema: quais as condições de produção do discurso de intolerância religiosa em relação a religiões de matrizes africanas, no contexto da educação básica?

Para obtermos respostas para a nossa pergunta, definimos como objetivo geral: analisar como ocorre a produção dos discursos sobre intolerância religiosa, relacionada às religiões de matrizes africanas, na educação básica. E como objetivos específicos: Investigar, através de questionários, se/como ocorre a produção de discurso em relação a intolerância na educação básica; e identificar discursos de intolerância nas memórias enunciadas pelos participantes.

A pesquisa justifica-se a partir da concepção de que o cenário atual de intolerância religiosa está fortemente ligado a religiões de matrizes africanas. Pois, apesar de o Brasil ser um Estado laico, a sociedade ainda justifica estes atos criminosos com a “falta de Deus”. Este fato, somado à pouca variedade de trabalhos acadêmicos sobre a temática nos motivaram a fazer uma pesquisa na educação básica, pois, se trata de um ambiente no qual são formados os lugares de pensamentos de toda sociedade e de lá podemos observar como se dá a produção destes discursos, na escola que você tomou como espaço de experiência analítica e também, os estudantes abertos ao aprendizado e se deparam com uma diversidade de culturas e religiões.

Existem outras pesquisas relacionadas ao tema, mas não diretamente a uma análise discursiva, que será o nosso objetivo neste trabalho, as demais pesquisas, geralmente, tratam da Lei 10.639/2003 que se refere à proteção da integridade do aluno. A lei contextualiza o ensino de Sociologia como a disciplina que, na teoria, supre a necessidade da abordagem da temática religiosa, trazendo à tona a necessidade dessa discussão.

Com a Análise do Discurso será possível identificar estas produções discursivas, bem como descrevê-las e interpretá-las, haja vista que quando nos referimos ao discurso, temos que levar em consideração os elementos presentes no meio social, as ideologias, seu contexto e sua história. Segundo Fernandes (2008), para a verificação de um discurso é necessário a compreensão do sentido. Isto abrange a influência do significado entre os assuntos na enunciação, compreendendo o lugar onde a fala está inserida. Partindo desses pressupostos, consideramos que esta investigação é extremamente importante para o meio acadêmico e social.

Esta monografia foi dividida em três capítulos, sendo o primeiro relacionado ao nosso aporte teórico: a Análise do Discurso na visão de Michel Foucault, sendo expostos conceitos sobre discurso e enunciado, formação discursiva e ainda modos de subjetivação. O segundo capítulo foca na intolerância religiosa, através de alguns conceitos sobre sincretismo religioso e suas variações, um contexto histórico da religião, como a religião chegou ao ensino básico brasileiro e ainda o que dizem os documentos oficiais sobre o ensino da religião no Brasil. E, por fim, o capítulo de análise: nesta seção iremos expor nosso material de análise e mostrar como funciona a escola e o preconceito, como a intolerância acontece e, também, expor como se dão os discursos e modos de subjetivação dos sujeitos que produzem os discursos de intolerância religiosa na escola.

Para que essa pesquisa fosse possível, adotamos uma investigação através de questionários criados na plataforma *google forms*, que foram enviados para 10 colaboradores matriculados na educação básica. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e foi possível identificar a produção enunciativa e ainda entender certos "fenômenos" comportamentais, coletando e analisando enunciados e estudando as preferências pessoais de cada pessoa.

Nosso trabalho possui um caráter exploratório, explicativo e interpretativo. O primeiro no sentido que utilizamos o questionário para explorar a formação

discursiva dos participantes e conseguir alcançar os nossos objetivos. O segundo, explicativo, enfatiza os fatores que observamos na coleta dos dados. O terceiro, faz relação com a descrição/interpretação de enunciados próprias da Análise do Discurso. Essas escolhas nos possibilitaram conclusões mais expressivas de como acontecem determinados fenômenos discursivos na nossa sociedade, especificamente, no ambiente escolar. Este trabalho também é um estudo de campo, pois a investigação foi feita na própria escola, com os alunos matriculados.

Por necessitarmos de uma metodologia que fosse interdisciplinar e pudesse abranger todos os interesses desta pesquisa, optamos por trabalharmos com o método arqueogenealógico de Michel Foucault para a descrição/interpretação de enunciados. Este método inclui uma ferramenta de investigação destinada a compreender a emergência de uma configuração única de sujeito, objeto e significado nas relações de poder, aliadas à investigação de discursos e práticas não discursivas.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO NA VISÃO DE FOUCAULT

O surgimento da Análise do Discurso (AD) se deu na França, nos anos 60, em um contexto em que havia, em detrimento ao que se praticava no campo do estruturalismo e da gramática gerativista, uma necessidade de compreensão e junção de elementos linguísticos com a constituição do sujeito na sociedade e a historicidade.

Michel Foucault foi um filósofo francês que até os dias atuais exerce uma grande influência em intelectuais de diversas áreas. Na Análise do Discurso sua teoria aborda, principalmente, as relações de saber/poder que reforça os modos de subjetivação dos sujeitos na sociedade. Desse modo, coloca o sujeito como o centro deste poder, controlando as situações de um sistema social e ainda podendo ser capaz de expressar suas próprias diferenças.

De Foucault vieram fundamentos que foram essenciais para o estudo da AD. O filósofo trazia diversas indagações sobre saber/poder do sujeito, com isso, proporcionou mudanças de pensamento sobre este campo de estudo, tornando-se, assim, um dos principais autores de quem os analistas do discurso se apropriam para desenvolver seus trabalhos nesse campo da AD. Foucault fazia uso da realidade para responder suas indagações, utilizava o discurso como uma matéria de saber/poder, sendo assim, o sujeito seria dotado de conhecimento. Azevedo (2013, p. 148) expõe estas características e importância do filósofo:

O filósofo usa saberes no sentido de possibilidade de conhecimento, instrumento de análise dos discursos, não se tratando apenas do conhecimento científico, mas a virtude o saber prático. Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o filósofo o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade.

Seu método arqueogenealógico consiste em um instrumento investigativo que visa compreender a emergência de configurações únicas dos sujeitos, objetos e significados nas relações de poder, aliadas à investigação de discursos e práticas não discursivas.

Em *A arqueologia do saber*, Foucault (2008) descreve bem algumas categorias de análise que utilizamos na nossa pesquisa. Vamos abordar, principalmente, modalidades enunciativas. Foucault (2008, p. 132) afirma que “a análise do enunciado e a da formação são estabelecidas correlativamente”, sendo assim, essa dependência se dá por conta da composição a partir de vivências que o sujeito necessita para sua formação discursiva.

Essas categorias são divididas em algumas partes; no discurso podemos analisar como ocorrem as influências do meio em que o sujeito vive, através disso, é composto os enunciados formados por signos que compõem elementos trazidos da memória e experiências de vida. Foucault (2008, p. 132) afirma que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Azevedo (2013, p. 150) explica que:

a intenção do arqueólogo é de investigar a regularidade dos enunciados e a descrição dos fatos os quais se encontram em seus arquivos. A preocupação em expor a formação discursiva revela que, segundo a análise foucaultiana, os discursos e saberes configuram históricos que devem ser expostos e compreendidos.

Diante disso, o método arqueogenealógico de Michel Foucault nos capacita na interpretação/descrição de quem produz os discursos de intolerância, e o meio no qual este discurso é produzido, a posição do sujeito agressor (quem produz o discurso) diante ao grupo que recebe a ofensa.

2.1 CONCEITOS DE DISCURSO, ENUNCIADO E FORMAÇÃO DISCURSIVA

Com este breve contexto histórico, compreendemos que a AD é essencial na análise de algumas características humanas, tais como o meio social em que o indivíduo está inserido. Segundo Orlandi (1999, p.15), “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Analisar um discurso consiste em interpretar os discursos que são produzidos, assim identificamos a produção de sentidos; essa produção pode ser mutável de acordo com a vivências do sujeito. Fernandes explica que o objeto de estudo da AD é o próprio discurso, e como ele é produzido. Fernandes ainda explica que

o caráter de complexidade por nós assinalado decorre do fato de discurso implicar uma exterioridade à língua, ser apreendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais (FERNANDES, 2008, p. 6).

Isto posto, o discurso é mutável, assim depende de uma formação discursiva para compreender o discurso de um determinado sujeito ou grupo sobre a intolerância religiosa. Fernandes (2008, p. 14) deixa isso explícito quando afirma que “analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais”. Assim, para compreender o discurso de um indivíduo é preciso compreender sua trajetória de vida de acordo com suas vivências. Dessa forma, o discurso é constituído atividades históricas e sociais pelas quais os sujeitos vão sendo influenciados ao longo de sua trajetória, ou seja, suas formações discursivas. Essas formações discursivas se dão mediante algumas categorias. De acordo com Foucault (2008, p. 50),

uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Visto isso, podemos dizer que o discurso é constituído pelo já dito e o seu sentido não necessariamente se apresenta em relação a significados de uma palavra, se dá na compreensão que o sentido não está ligado a uma estrutura única, quando se é produzido é construído múltiplos sentidos que é evidenciado através de sua interlocução.

Já o interdiscurso que, segundo Fernandes (2008, p.81), trata-se da “presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva”, é uma categoria primordial na produção discursiva, evidencia que a noção sentido depende do interdiscurso pois é esse lugar que constitui os objetos utilizados pelo sujeito falante em suas falas e na pronúncia entre eles. Fernandes (2008, p. 81-82), deixa claro que o interdiscurso expõe “o exterior de uma formação discursiva.

Porém, a noção de sujeito discursivo permanece como efeito de assujeitamento à formação discursiva com a qual ele se identifica”. Sendo assim, interfere na categoria de condições discursivas, ela está envolvida na enunciação, sendo caracterizado pelo contexto histórico e social do sujeito.

Ainda sobre a formação discursiva, Orlandi (1999) afirma que há dois caminhos a se seguir, o primeiro se refere ao “sentido que o discurso constitui”, na qual é defendida as suas formações ideológicas. Já a segunda se refere à “formação discursiva”, em que o uso das palavras pode evidenciar sentidos, ideias, ou críticas sociais.

Em relação a isto, Foucault (1993, p. 206) diz que “ideologias constituíram com êxito uma teoria da objetividade ou uma teoria da significação”. Ou seja, explora o sentido expressado diante as ideias do sujeito. Já Fernandes (2008 p. 19) conceitua ideologia da seguinte forma:

Uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, está se materializa naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia (s) a integra(m).

O sujeito é quem produz estes enunciados, ele é um indivíduo capaz de fazer suas próprias escolhas enquanto ser individual, após a segunda guerra mundial, o sujeito ganhou um novo olhar, assim passou a ser investigado com um “sujeito filosófico”. Neste novo sentido para o sujeito, ele passar a observar ao seu redor e não a si próprio. Foucault (1993) destaca dois paradoxos sobre este novo sentido de sujeito. O primeiro é a filosofia da consciência, implica no conhecimento que o sujeito possui, incluindo o conhecimento da ciência, tornando-se um ser que costuma buscar evidências para construir hipóteses e evidenciar fatos. Já o segundo paradoxo se dá na filosofia do sentido, nela não foi obtido uma conclusão, pois esta filosofia leva em consideração o ser mutável que vai se construindo ao longo de sua vida e por seu contexto social no qual está inserido.

Levando em consideração todas experiências de vida de um sujeito, no sujeito podemos identificar suas crenças, ideologias e opiniões acerca de qualquer assunto, visto que cada sujeito possui suas próprias experiências de vida. Weizenmann (2012, p. 31) enfatiza que:

seu discurso se pretende anterior à ideologia, adentrando o estágio embrionário das formações discursivas, até o ponto em que se percebe o que deu origem às noções que correntemente adotamos como inquestionáveis, ou que nos parecem irromper como o segredo mantenedor das relações sociais.

Levando em consideração o conceito citado, ao expressar suas ideias o sujeito é capaz de reproduzir enunciados que são constituídos por saberes populares adquiridos ao longo da vida. Weizenmann (2012, p. 77) explica que “enunciados são dotados de funções específicas, somente possíveis entre suas fronteiras, independentemente dos sujeitos que atuam como agentes enunciativos”, sendo assim não é necessário ser dotado de um saber específico para constituir um enunciado. Fernandes (2008 p. 206) aponta que a “posição ideológica no ato de enunciar e que integra a enunciação, lugar sócio-histórico e ideológico de onde os sujeitos dizem e que marcam o momento e o ato de dizer”.

Em relação ao sentido, Orlandi (1999) denota que a análise do discurso procura compreender a língua fazendo sentido e que por esse tipo de estudo pode-se conhecer aquilo que faz do homem um ser especial. Essa ciência concebe a linguagem como mediadora entre o homem e a realidade natural e social.

Com tudo isso, a memória do sujeito o capacita a refletir sobre a produção destes discursos visando o pensamento do sentido, dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem. A memória ganha uma importância em relação ao discurso, a partir dela pode se construir significados e movimentos de sentido que compõem a produção discursiva de um indivíduo. Fernandes (2008 p. 46) definiu memória discursiva como:

Espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

Sendo assim, a memória é essencial na formação do discurso de um sujeito. Nesse sentido, é importante considerar como Foucault (2008, p. 139) evidencia que os discursos são povoados por outros discursos e “essas marcas, uma vez

decifradas, podem liberar, memória que atravessa o tempo, significações, pensamentos, desejos, fantasmas sepultados. Assim, o sujeito consegue resgatar o conhecimento de mundo e produz enunciados.

2.2 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E AS TÉCNICAS DE SI

A subjetivação parte do princípio de como o sujeito constitui-se e cria suas relações de acordo com suas vivências e poder de escolha sobre suas relações. Portanto, existem alguns modos de desenvolver esta subjetivação, sendo eles o modo que o sujeito pode tentar atingir aquilo que já foi investigado de forma científica, práticas sociais e de interações humanas que refletem no desenvolvimento construtivo de um determinado sujeito, ou até na criação de novas subjetivações.

As subjetivações do processo no qual nos tornamos sujeitos podem surgir de diversas técnicas, como as de produção que atua em meios de produção, já a de significação que atua em uma relação entre o significante e o significado em diversas situações de onde o sujeito está inserido, e até mesmo técnicas de dominação, nesta o sujeito pode dominar algo uma situação ou se deixar ser dominado.

Foucault afirma que a técnica de si é um modo de subjetivação de extrema importância, com esta técnica o indivíduo constrói uma verdade sobre ele mesmo, uma construção sobre aquilo que ele vive em seu meio social. Foucault (1993, p. 2010), sobre a técnica de si afirma que:

entre tais técnicas, aquelas que estão orientadas para a descoberta e a formulação da verdade a respeito de si próprio são extremamente importantes. Isto acontece porque para o governo das pessoas nas nossas sociedades, todos tinham não só que obedecer, mas também que produzir a verdade acerca de si próprios.

Isto posto, o conhecimento de si, e a reflexão sobre o seu interior faz com que o sujeito crie um autoconhecimento de si mesmo. Desta forma, facilita a construção discursiva de uma diversidade de assuntos, na construção de suas ideologias e posicionamentos críticos.

Ainda sobre esta reflexão de si, Foucault pontua em um artigo na revista *comunicação e linguagem* (1993) uma espécie de “passo a passo” para o êxito de conclusões acerca da técnica de si. O primeiro passo se dá no autoexame em busca de sua verdade, onde o sujeito buscará suas convicções, certezas e opiniões sobre si mesmo. Em seguida, o sujeito buscará identificar sua origem, de onde ele veio, condutas que aprendeu durante sua jornada, e ainda suas afinidades.

Sendo assim, após as primeiras reflexões, o sujeito buscará em sua memória, os “erros” cometidos. Neste sentido, pode ser medido o que foi feito e o que poderia fazer para que estes erros não fossem cometidos. Por fim, o sujeito pondera todas estas fases de reflexão para tentar decifrar o seu próprio si e seu processo de verdade.

Tendo em vista o que foi dito, a técnica de si é um modo de subjetivar muito eficiente, pois reflete na busca de se descobrir, faz com que o sujeito reflita sobre seu passado, presente e até mesmo o seu futuro.

Trazendo a subjetivação para o campo religioso, o autoconhecimento é primordial para a sua religiosidade. É preciso buscar a verdade de si para seguir os seus princípios religiosos. A técnica de si é muito eficiente neste campo, sendo que com ela o sujeito poderá seguir os passos citados anteriormente e buscar uma conclusão sobre sua verdade espiritual. Foucault (1993, p.220) menciona esta busca da seguinte maneira:

A revelação da verdade acerca de si próprio não pode ser dissociada da obrigação de renunciar ao eu. Temos de sacrificar o eu de modo a descobrir a verdade acerca do nosso eu. E temos de compreender este sacrifício não apenas como uma mudança radical no modo de vida, mas como a consequência de uma fórmula.

Portanto, a autorreflexão de si está permanentemente sobreposta na forma de memória e de suas experiências de vida, e o sujeito dotado de seu conhecimento e ciente das suas vontades. No capítulo seguinte deste trabalho vamos adentrar de forma mais profunda em conceitos de religiosidade, intolerância e ainda vamos compreender a forma que ela chega até a educação básica.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA RELIGIÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

As religiões surgem a partir da necessidade humana de explicar a realidade e, muitas vezes, acabaram sendo moldadas por meio das projeções de potencialidades humanas no que veio a ser lido como “divino” e pelos contextos em que foram produzidas. Porém, a partir de suas práticas sociais, o sujeito tornou-se dotado de liberdade para criar os seus próprios pensamentos e crenças, a partir de suas vivências em uma sociedade. A religião acaba quase sempre sendo sinônimo de poder, especialmente se estivermos falando sobre os cenários contemporâneos do Brasil e da hegemonia cristã.

Diante disto, no século XV se deu início a reforma protestante, sendo um marco para o cristianismo. Com esta reforma, surgiu uma grande ruptura, posto que houve uma divisão na igreja católica. Os religiosos que se incomodavam com a sua doutrina se desvincularam, e assim seguiram outras religiões, como o protestantismo.

Tendo em vista essa ruptura, a intolerância tornou-se presente perante à religiosidade. As práticas de intolerância e das perseguições foram ferramentas utilizadas especialmente pelo Catolicismo. A Igreja Católica é a instituição mais poderosa da história medieval, com inúmeras grandes extensões de terra, assim, ela tinha um enorme poder sobre a sociedade, fazendo com que todos seguissem o catolicismo como forma de imposição.

Na idade moderna, a intolerância religiosa ganhou bastante força. Nesta época foi tomada pelo autoritarismo católico tornando-se um período extremamente obscuro no que se diz respeito à religião. Além disso, neste período não era considerada a cultura, filosofia ou mesmo produção técnica validada na Idade Média. Sendo assim, os europeus deram início as expedições, e os territórios dessas regiões levaram a classe dominante europeia a conquistar inúmeras riquezas, lançando as bases para sua posterior expansão de sua organização social para outras partes do mundo.

O filósofo Locke defendeu a tolerância religiosa em vários dos seus textos. Batista (2016) explica vários pontos que o filósofo defendia sobre tolerância, um dos argumentos se dava ao “cuidado da própria alma em matéria de religião” (BATISTA,

2016, p. 15), nesse sentido, o homem possui a liberdade de seguir e crer em qualquer religião, pois ninguém pode praticar a fé de ninguém. Um segundo ponto defendido pelo autor seria a “exclusão da autoridade civil ou política em matéria de religião” (BATISTA, 2016, p. 16). Esse contexto é voltado para a questão da proteção de leis, o cidadão tem que ser respeitado e protegido para exercer suas crenças. Diante disto Locke (2004, p.79 *apud* BATISTA, 2016, p.16) explica que:

O cuidado com as almas não pode pertencer ao magistrado civil, porque seu poder consiste apenas na força externa, enquanto que a religião verdadeira e salvadora consiste na persuasão interna da mente, sem a qual nada pode ser aceitável a Deus. E tal é a natureza do pensamento que ele não pode ser compelido à crença em qualquer coisa por força externa. A confiscação de propriedade, prisão, tormentos, nada dessa natureza pode ter tal eficácia que faça os homens mudarem o julgamento interno que estruturaram sobre as coisas.

O homem enquanto civil possui o direito à liberdade religiosa, e a intolerância se inicia a partir do momento em que o desrespeito à liberdade do próximo causa algum tipo de prejuízo ou dano à integridade, razão ou até à expressão do indivíduo. Oliveira (2018, p. 7) afirma que “a intolerância se trata de uma forma específica de injustiça, enquanto que a tolerância uma demanda por justiça”. Sendo assim, a liberdade religiosa está vinculada à tolerância, o sujeito possui a liberdade de escolher a crença que sentir vontade de seguir.

No Brasil, essa liberdade religiosa é protegida por lei, haja vista que o país é um Estado laico e a liberdade religiosa encontra-se exposta na Constituição Federal. A Constituição de 1988 deixa explícito no artigo 5º, termo VI que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (BRASIL, 1988, p. 13). Desse modo, fazendo uma leitura desse enunciado, podemos afirmar que no Brasil a laicidade tem que ser respeitada e o contrário disso é visto como um crime, sendo previstas as devidas penalidades jurídicas. Já o termo VIII deixa claro que “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei” (BRASIL, 1988 p. 13). Sendo assim, todo e qualquer cidadão possui o

mesmo direito e liberdade de escolhas, vivendo em um país democrático. Sobre a laicidade do Brasil, Oliveira (2018, p.10) afirma que:

A laicidade de um Estado se caracteriza quando há nítida distinção entre Estado e igreja, quando não há influência eclesiástica na atuação do governo, ou seja, quando não há qualquer pertencimento do Estado à instituição ou ordem religiosa e vice-versa. E é neste sentido que a Constituição de 1988 consagra o Brasil como laico.

Sendo assim, compreendemos que a laicidade é extremamente importante no que se diz respeito à liberdade de escolha. Com isso, o cidadão é livre e protegido por lei. Na próxima seção vamos mostrar como se dá o sincretismo religioso e discorrer sobre as religiões de matrizes africanas mais comuns no Brasil.

3.1 SINCRETISMO RELIGIOSO DO BRASIL

O sincretismo consiste na junção de crenças e práticas sociais que se compõem em ideias distintas sobre o mesmo ato ou rito. Oliveira (2018 p.11) destaca que “o sincretismo religioso é, portanto, a aglutinação de uma ou mais crenças religiosas em uma única doutrina. Seu surgimento se dá a partir do contato direto ou indireto entre credences, práticas e rituais distintos”. Portanto, existem ligações entre religiões, mas elas podem divergir em relação às definições sobre determinados contextos.

No Brasil, a religião originou-se após a invasão portuguesa, os portugueses trouxeram o cristianismo e foi imposto no país especialmente por meio das catequeses e outros meios político-educacionais. O Cristianismo se impõe como verdade inquestionável, mas também ocorrendo por meio das práticas de resistência, já que tanto indígenas quanto negros estão subvertendo essa hegemonia cristã. Com a chegada dos escravos africanos escravizados, tivemos a inserção das religiões de matrizes africanas.

Nesta pesquisa, temos um foco nas religiões afro-brasileiras, dentre elas vamos abordar as principais. Umbanda, por exemplo, é fruto das conexões entre saberes religiosos indígenas, africanos e europeus que sofreu algumas mutações; esta se fundiu aos ritos Indígenas, e o cristianismo. Klippel (2018, p. 41) explica que “por consequência do seu desenvolvimento ter ocorrido através das classes mais

humildes da população brasileira, a sua condução e filosofia ainda diferem” Infelizmente a escola não expõe essas informações, pois ainda não há uma diversidade cultural explícita nos conteúdos.

Já o candomblé está ligado ao culto de suas divindades, sendo elas ligadas à natureza. Jardim (2016, p. 4) explica que “Seu aprendizado se dá por meio da transmissão oral e pela participação nos rituais, assim, conseqüentemente, os conhecimentos religiosos são passados de geração em geração”. Durante o rito são oferecidos flores e mantimentos como forma de gratidão às suas divindades, trazendo o mistério da adoração das coisas encontradas em dimensões invisíveis ao olho humano. Mais importante, a estrutura de adoração a divindades moldou os vários campos de experiência do povo africano, especialmente do povo iorubá.

Entre essas religiões conseguimos perceber algumas semelhanças e diferenças. As principais semelhanças estão no modo como essas religiões chegaram até aqui e sua origem, além dos cultos, os trajes e os cantos. As duas utilizam adereços julgados como místicos (pedras, amuletos...), ambas são politeístas. Existem diversas diferenças entre as duas, o candomblé possui diversas entidades, sendo que umbanda possui apenas o caboclo, o preto velho e a criança. Na inicialização ambas religiões possuem um resguardo, porém funciona de forma diferente. Klippel (2018 p. 43) explica bem como funciona:

No candomblé, o mínimo é vinte e um (21) dias. Na umbanda você tem no máximo sete (7) dias e um final de semana que você se recolhe.” E nesse sentido, ele diz que “a umbanda é mais urbana”, tem mais a coisa da sociedade. No candomblé você tem uma quantidade maior de oferendas, a ritualística toda é baseada no Shirê, que você canta pros orixás e é muito mais ligado aos momentos festivos do que a umbanda. A umbanda tem gira de atendimento. Candomblé não tem gira de atendimento.

O sacrifício animal é algo que diferencia as duas religiões: no candomblé é feito o sacrifício animal como uma forma de agradecimento e culto aos orixás. Jardim (2016, p. 5) contextualiza que “há a necessidade de ofertar vários tipos de essências, vindos das mais variadas fontes da natureza que atribuem à vida”. Já na Umbanda, não é permitido o sacrifício animal, estão utilizadas outras formas de demonstrar gratidão aos seus guias, como a oferta de ervas ou alimentos.

A menção a essas duas religiões específicas se dá por conta que são as religiões de matrizes africanas mais conhecidas no Brasil. E ambas, ao chegarem ao

País, foram marcadas pelo forte sincretismo religioso entre as crenças já existentes. Tendo em vista que o sincretismo é um importante elemento de discussão em nosso trabalho, torna-se interessante evidenciar estas duas religiões. Klippel (2018, p. 51) afirma que “essa sincretização ocorreu devido ao contato entre os diferentes povos que contribuíram para a formação religiosa e cultural do país”. Sendo assim, tornaram-se populares e de fácil acesso.

3.2 COMO A RELIGIÃO CHEGA NO ENSINO BÁSICO E QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE O ENSINO DA RELIGIÃO NO BRASIL

O ensino da religião existe desde os primórdios da colonização. Ao chegar em terras brasileiras, os portugueses inseriram um ensino com uma doutrinação cristã, defendendo uma ideia de “verdade e fé” para os indígenas que habitavam no país. Borin (2018) explica que a primeira escola de religião foi fundada em Salvador em 1549 criada pelos missionários Jesuítas, sendo a primeira escola pública do país. Após isso, por volta de 1759, os Jesuítas foram expulsos da igreja católica por questões financeiras e ideológicas.

Em 1824, com a primeira Constituição do Brasil, foi determinado que a religião oficial do país seria a Católica apostólica Romana. Por conta disso, durante 67 anos essa seria a única religião praticada e ensinada em todo território nacional. Já em 1891 a constituição sofreu uma enorme influência do positivismo e sua demanda de liberdade dos interesses particulares. Sendo assim, no artigo 72, parágrafo 6º foi determinado a liberdade religiosa, a qual intitulamos de laicidade. O artigo 6º da Constituição de 1891 determina que “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos”. Portanto, o ensino de toda e qualquer religião se torna legítimo.

Após esse período, em 1934 foi criada uma nova Constituição, nela fica explícito que o ensino religioso será de frequência facultativa, sendo adaptada de acordo com as religiões dos alunos ou determinação dos responsáveis. A disciplina de Ensino Religioso possuía horários específicos em escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais, sendo assim um grande avanço para a disciplina.

O ensino da religião foi contemplado pela primeira vez na LDB (Lei de Diretrizes e Base) de 1961 - Lei 4024/61 | Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

Portanto, o Ensino religioso entrou oficialmente na grade curricular das escolas públicas nacionais. De acordo com o artigo 97, fica determinado que:

O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa, e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

Este avanço foi de extrema importância para a época, mas em 1964 iniciou-se a ditadura militar. A filosofia educacional do governo militar seria centrada no cultivo de capital humano para atender às necessidades sociais e de mercado e da produção do mesmo. Neste contexto, a educação religiosa foi deixada de lado para focar nos interesses da ditadura. Com isso, a aprendizagem religiosa se voltou novamente para a igreja conservadora.

Para manter a população sob controle, foi criada uma nova LDB, desta vez em 1971. Nesta nova lei determina que as escolas possuam disciplinas morais e cívicas como a Educação Física e o Ensino da Arte, deixando a religião excluída de um caráter obrigatório de ensino, pontuando que O ensino religioso, de matrícula não obrigatória, no 1º e 2º graus.

Posteriormente, em 1997 o Estado conseguiu um avanço enorme em relação ao Ensino Religioso. A Lei nº 9.475/97 determina seja ensinado qualquer tipo de religião respeito assim, a diversidade religiosa. Que está exposto da seguinte maneira:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso (Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

Por fim, foi aprovado pelo Congresso Nacional do Acordo Brasil-Santa Sé, assinado pelo Executivo em novembro de 2008. Este acordo é o documento mais

recente se tratando de Ensino Religioso. Nele, garante a diversidade religiosa em sala de aula, onde o professor pode e deve apresentar aos seus alunos as religiões existentes em nosso meio, sendo exposto desta forma:

Art. 11º - A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa.

1º. O ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação.

Sendo assim, é assegurado até os dias atuais que o Brasil é um Estado laico e todos devem respeitar isso. Na educação básica o Ensino Religioso segue sendo lecionado e ofertado em uma aula semanal de acordo com a grade curricular das escolas.

4 ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Neste capítulo, objetiva-se analisar os dados coletados por meio dos questionários enviados para os alunos matriculados na educação básica, na cidade de Mossoró, situada no Estado do Rio Grande do Norte. Em vista disto, esta investigação fundamenta-se analisar os modos de subjetivação e os discursos construídos por esses alunos, sob um aporte da Análise do Discurso, fiando-nos nos pressupostos de Michel Foucault e seu método arqueogenealógico.

4.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES

Conforme mencionado acima, a mostra para este estudo é de 10 (dez pessoas), todas estudantes da educação básica. Todos os questionários foram respondidos e, posteriormente, tabulados. A primeira análise foi feita a partir do seguinte questionamento: “Você possui alguma religião? Se sim, qual?” As respostas estão expostas no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Religião dos entrevistados

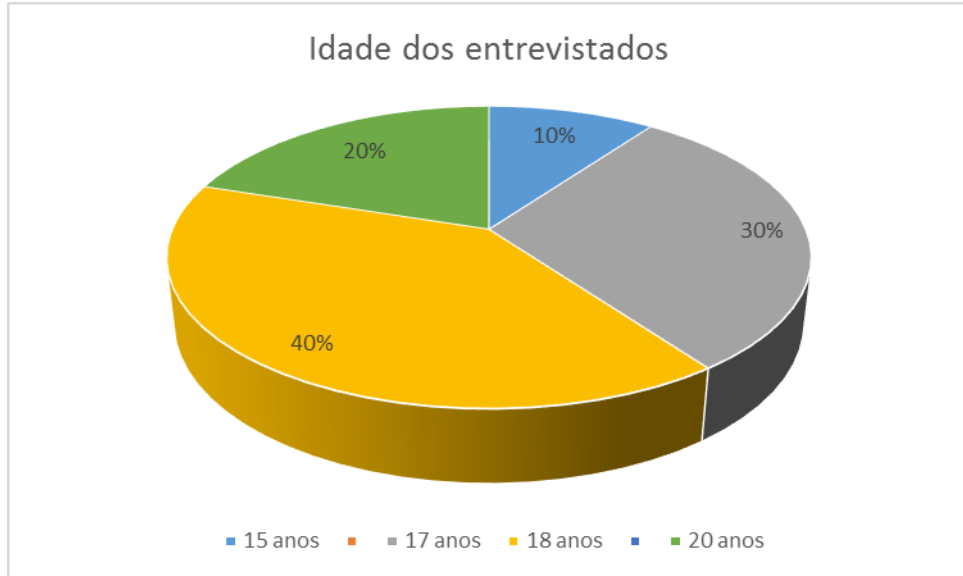


Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

Nesta categoria percebe-se 50% dos entrevistados são evangélicos, 10% pertencem a religião católica, 10% budista, 10% fazem parte da religião de origem europeia wicca e 20% não possuem religião.

Em seguida, foi feita a relação etária dos participantes da pesquisa. Conforme apresentamos a seguir:

Gráfico 2: Idade dos entrevistados

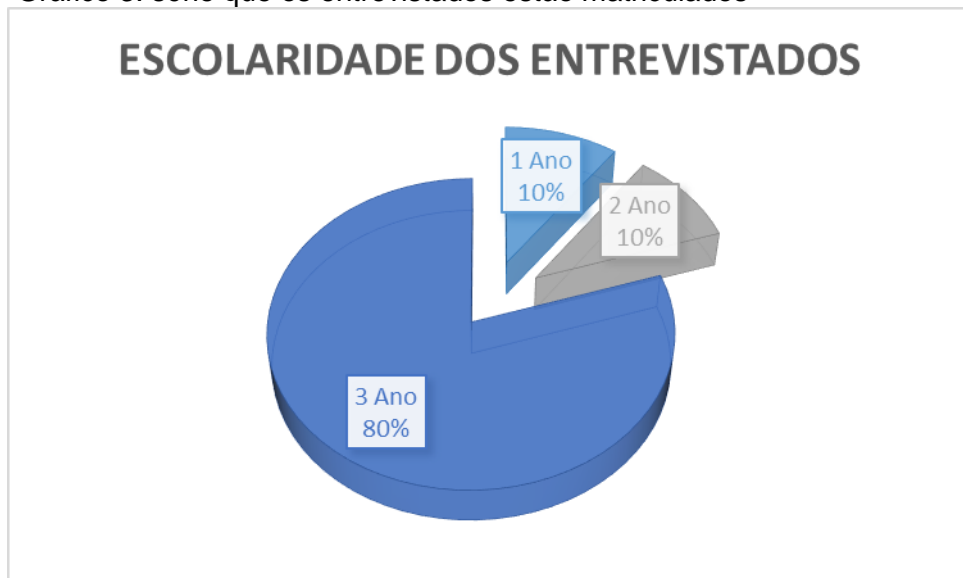


Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

Nota-se que a maioria dos entrevistados (40%) possuem 18 anos de idade, 30% possuem 17 anos, 20% têm 20 anos e 10% 15 anos de idade.

Por fim, foi averiguado a série que estes alunos estão matriculados. Conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3: série que os entrevistados estão matriculados



Fonte: Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

Os resultados evidenciam que todos os entrevistados estão matriculados no do ensino médio e a grande maioria estão concentrados na 3º ano, 80% das dez pessoas. Os demais estão no 1º e 2º ano, sendo 10% cada um.

Isto posto, os dados expostos nesta seção, demonstram o perfil dos colaboradores que participaram desta pesquisa. Sendo assim, nos situa no ambiente em que eles se relacionam, facilitando identificar os discursos que foram indagados pelo nosso questionário, e ainda, conseguiremos localizar os modos de subjetivação que estamos buscando. Percebemos também que a maioria dos entrevistados são evangélicos, e isso possibilitará que os entrevistados desta religião possua uma opinião semelhante.

4.2 DISCURSOS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA ESCOLA

Iniciaremos agora uma análise com o *corpus* coletado, nos questionários foram coletadas respostas relacionadas a nossa temática sobre intolerância religiosa.

A segunda pergunta feita aos entrevistados foi: “O que seria intolerância religiosa para você?” As respostas tiveram uma certa semelhança, a maioria afirma que a intolerância religiosa se dá a partir de críticas, falta de respeito, agressões físicas e julgamentos. Podemos perceber isto nos seguintes fragmentos: “Discriminação, falta de respeito e perseguição com a fé e/ou crença religiosa de uma pessoa ou de um grupo de pessoas religiosas”. “Falta de respeito com crenças religiosas”. E no enunciado a seguir:

Em meu ponto de vista, a intolerância religiosa é de certo modo uma agressão verbal ou física em que o intolerante expõe todo o seu ódio contra o indivíduo que possui uma religião e pensamento diferente do seu, sendo assim, ele apenas acredita em sua crença e não admite a crença do outro, essa pessoa se limita a acreditar que somente o meio em que pensa é o único “certo” e que os demais são abominações criadas por humanos (Entrevistado 10).

Nos fragmentos destacados, os termos sublinhados exercem uma ação verbal que possui uma função semântica que mostra determinada ação, que se dá na prática da intolerância. As palavras “discriminação”, “perseguição”, e “agressão”

possuem carga semântica mais forte, que lhe confere efeitos de sentidos específicos, demonstrando como o sujeito realiza determinada ação.

Diante destas respostas, podemos identificar alguns modos de subjetivação. Esses discursos mostram opiniões positivas sobre o que foi questionado, e percebemos que foram construídas a partir de um senso comum, ou seja, foram sendo modificadas ao longo de suas vidas. Esses posicionamentos ideológicos que os sujeitos manifestam foram advindos do seu convívio social e conhecimento de mundo, ou seja, de suas formações discursivas. Isto posto, podemos considerar que a subjetivação ocorre quando o sujeito age sobre si, constituindo modos de existência, e seus conhecimentos religiosos adquiridos através do grupo social na qual eles convivem. Essa subjetivação, está ligada nesta construção social, mas também na construção de si mesmo. Sobre isso Foucault (1979, p. 159) afirma que:

Em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.

Assim, a subjetividade torna-se um êxito, uma construção de cada sujeito, a partir das relações que se estabelecem na sociedade. Nesse sentido, a construção de práticas discursivas é um elemento fundamental na constituição da relação do sujeito consigo mesmo e sua formação ideológica, isto toca no ambiente escolar em relação a troca de opiniões que podem acontecer entre os estudantes, e assim, constrói ainda mais discursos.

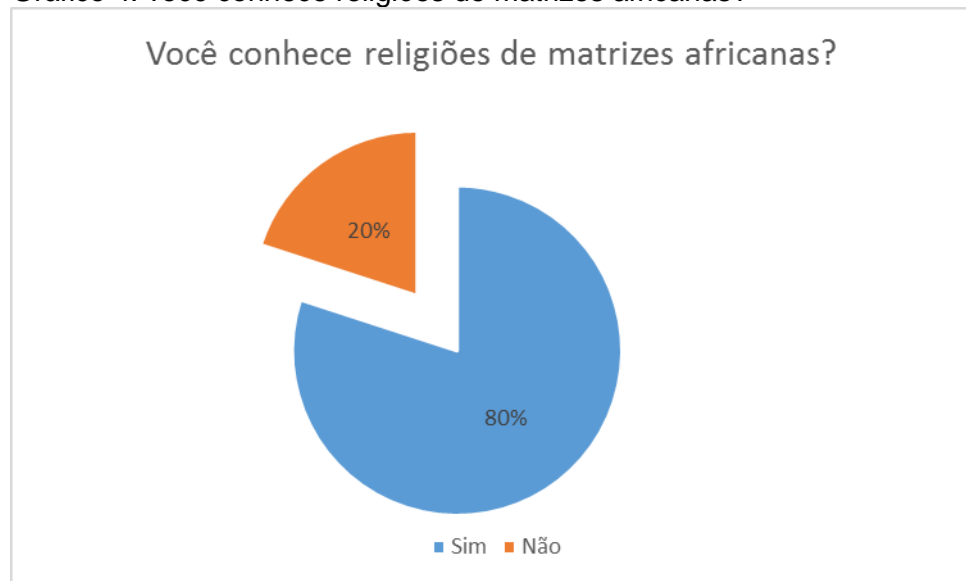
Essas práticas discursivas articulam regras históricas que possibilitam a criação de conhecimentos e a forma como estruturam as ações dos sujeitos. Neste sentido, Foucault (1993) diz que “o ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios”. Sendo assim, o sujeito vai construindo suas opiniões ao longo de vida.

As respostas citadas evidenciam que a sociedade contemporânea carece dessa forma de compreender os diferentes mundos da existência, as diferentes crenças e aceitar as escolhas dos outros na perspectiva dos outros, portanto, só assim, experimentando outras experiências, poderemos amenizar os "preconceitos"

que rodeiam a nossa sociedade. Isto posto, se a escola trabalhasse as diversas religiões existentes, os alunos poderiam construir discursos e opiniões com muito mais embasamento.

A terceira pergunta feita aos alunos foi: “você conhece alguma religião de matriz africana? Se sim, quais? Com este questionamento, obtivemos as respostas expostas no gráfico a seguir:

Gráfico 4: você conhece religiões de matrizes africanas?



Fonte: Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

O gráfico expõe que 80% dos entrevistados conhecem religiões de matrizes africanas; as religiões citadas foram o candomblé e umbanda. Já os outros 20% não conhece nenhuma religião de matriz africana. Esses números mostram que a maioria conhece as religiões afrodescendentes, porém esse conhecimento é superficial.

O questionamento seguinte aborda justamente a opinião sobre as religiões de matrizes africanas da seguinte forma: “Qual a sua opinião sobre as religiões de matrizes africanas?” A pretensão desta pergunta é sabermos como seria a construção discursiva sobre a nossa temática de uma forma mais direta. Obtivemos respostas semelhantes e alguns não expressaram opinião sobre o que foi perguntado, como a podemos destacar a seguir: “Não tenho opinião nenhuma, todos devem ser livres para escolherem suas próprias religiões e crenças, seja ela de origem brasileira, europeia, africana...” E também no enunciado: “Eu respeito

bastante e confesso que admiro, tenho curiosidade pra saber mais sobre essas religiões”. Essa mesma opinião é evidenciada no enunciado a seguir por uma outra entrevistada:

“Minha opinião é que essas religiões são sagradas para os praticantes e que estão ligadas à um plano espiritual muito forte, ou seja, existe muita dedicação nesse meio, e diferente do que vejo as pessoas comentarem que não é “algo de Deus” eu noto muito a presença do próprio quando converso com alguém da religião de matriz africana, Deus continua sendo Deus nessa religião, o problema está nos intolerantes que não buscam conhecer a verdade do outro”. (Entrevistado 10)

Historicamente, a verdade é construída ao longo da história, com isso, pode se torna-se a partir do momento que o sujeito pega aquela verdade pra si. A verdade deve ser completamente livre, não pode estar ligada à institucionalização, pois, dessa forma, a verdade será manipulada para produzir constrangimentos e formas de comportamento.

Como podemos perceber, tivemos algumas expressões ideológicas expostas nos discursos como: “todos devem ser livres para escolherem suas próprias religiões e crenças”, “eu respeito bastante e confesso que admiro”, e essas religiões são sagradas para os praticantes e que estão ligadas à um plano espiritual muito forte. Sendo assim, os sujeitos entrevistados apresentam um teor cultural bastante notório, elementos que foram construindo estes discursos ideológicos.

Foucault (2011, p. 34) afirma que “a ideologia é a marca, o estigma dessas condições políticas ou econômicas de existência sobre um sujeito de conhecimento que, de direito, deveria estar aberto à verdade”, sendo assim, as respostas apresentam a opinião do que os mesmos julgam como verdade. A verdade de Foucault surge das relações de poder e mudanças ao longo da história. É por isso que o poder e o conhecimento estão relacionados, porque sem conhecimento não há poder, e sem poder não há conhecimento, ou seja, o conhecimento é em última instância imposto pelo poder, e o poder é o resultado do conhecimento.

Ao assumir uma perspectiva discursiva e reflexão sobre a intolerância religiosa, inicia-se o processo de construção de sentido e de compreensão do mundo, assim, essa ideologia que constrói algo no sujeito a partir de discursos já

produzidos pela sociedade ao seu redor, provocando assim múltiplos efeitos de sentidos.

No primeiro fragmento, o verbo escolher possui uma carga semântica muito forte que transforma o sujeito como a frente do saber e de suas próprias escolhas, pois do saber ninguém é dono. Sendo assim, demonstrando a relação entre a linguagem, o sujeito como um ser social, cultural e, ainda, expõe elementos de construção histórica.

O segundo nos faz perceber que o discurso desse sujeito ainda está em processo de construção sobre a nossa temática. Identificamos que o fragmento mostra esse processo de construção nos verbos “admiro” e “curiosidade”, pois, provavelmente o mesmo já buscou sobre o assunto para construir sua opinião ideológica e concreta. Ainda foi enfatizado que está sendo construído uma perspectiva positiva que estabelece uma imagem positiva deste tema e, também, há apoio às expressões religiosas afro-brasileiras.

O último trecho destacado corresponde a mais um discurso de um entrevistado. O entrevistado foi enfático em sua opinião. Sendo assim, ele possui uma ideologia completamente formada. Conseguimos identificar este fato nos adjetivos positivos descritos em sua resposta, sendo eles: “forte” e “dedicação”, os quais apontam um discurso carregado de ideologia sobre o tema deste trabalho, apontando uma produção de ideias, valores diante a um contexto social.

Diante disso, as opiniões coletadas se tornam positivas diante a pergunta feita. Aponta também que estes sujeitos estão construindo discursos sobre a nossa temática e de uma forma geral são opiniões positivas. Sobre as construções e análises ideológicas Foucault diz que:

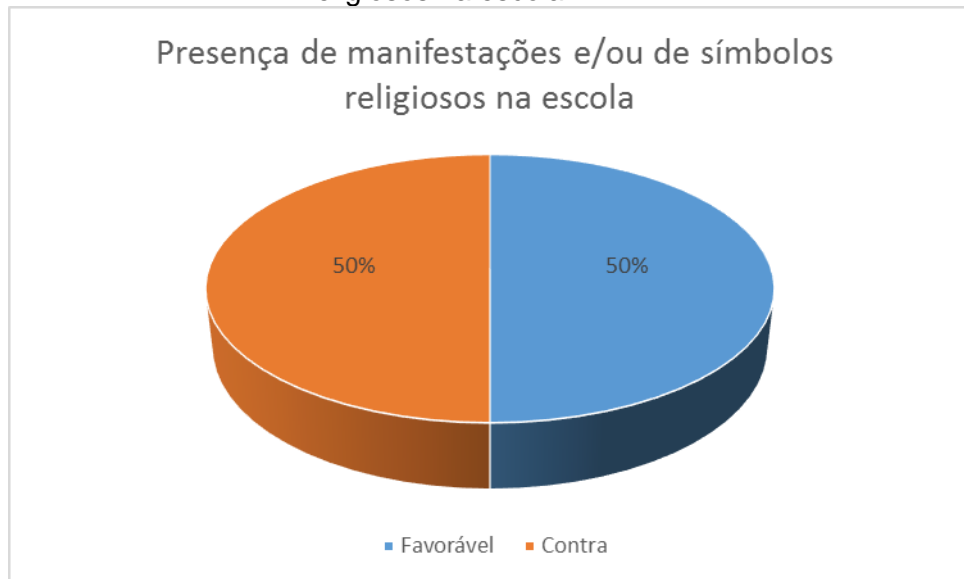
Em outras palavras, à série categoria universal, posição humanista, análise ideológica e programação de reformas, opõe-se uma série que seria: recusa dos universais, posição anti-humanista, análise tecnológica dos mecanismos de poder; e, no lugar de um programa de reforma, digamos relações mais extensas de pontos de não aceitação (FOUCAULT, 2010, p.13).

Sendo assim, quando o sujeito constrói a sua verdade possibilita que ele entenda que o saber está ligado a construção de sua ideologia e no domínio de si mesmo, isso envolve poder ou com interesses de indivíduos ou grupos específicos. Esse funcionamento de verdade pode ser compreendida por toda sociedade

brasileira, tendo em vista que é possível identificar posicionamentos, e até mesmo falas preconceituosas parecidas nos veículos de informações nacionais.

O quinto questionamento foi “O que você acha da presença de manifestações e/ou de símbolos religiosos na escola?” As respostas estão expostas no seguinte gráfico:

Gráfico 5: você concorda com a presença de manifestações e/ou de símbolos religiosos na escola?



Fonte: Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

As opiniões foram divididas, 50% foram a favor de símbolos e manifestações religiosas presentes no ambiente escolar e outros 50% são contra. Para demonstrar essas opiniões serão destacados os seguintes fragmentos: “Errado, escola e religião não se misturam”. “Eu acho super importante e interessante, pois assim, as crianças desde pequenas aprendem a respeitar as diferenças religiosas”. “Acho que a escola não tem que ser nenhum pouco intolerante pois cada um expressa sua religião do jeito que sabe”. E ainda o seguinte enunciado:

Não acho que seja necessário na educação de uma criança, acho que é papel da família orientar a criança sobre religião, a escola deve sim dar educação religiosa como parte da formação do ensino fundamental, mas não deve, em nenhuma hipótese influenciar e/ou induzir uma criança a escolher sua religião. A escola não deve ter palavra na escolha da criança, a escolha é da criança e apenas dela, e como toda criança absorve o que vê e o que experimenta, eu acho melhor evitar símbolos religiosos em tal ambiente (entrevistado 2).

Os termos destacados definem as opiniões dos entrevistados, sendo a favor ou contra, os que são contra, expuseram que a escola não pode abanger uma única religião, ou não evidenciar nenhuma; já os a favor, disseram que seria interessante a exposição de diferentes manifestações e símbolos religiosos no ambiente escolar. Todos eles possuem uma opinião formada sobre a pergunta feita a eles. Sendo assim, podemos identificar nessas respostas a “técnica de si” de Michel Foucault. essa técnica consiste em compreender sobre a questão da “fabricação pessoal da própria vida”, ou seja, a relação de criação de si, na qual os comportamentos estéticos e morais nele existentes estarão ligados às ações executadas pelo sujeito ao longo de sua vida.

Na primeira resposta, o entrevistado afirma que as imagens ou manifestações religiosas podem “induzir” ou “influenciar” uma criança a seguir determinadas religiões. Sendo assim, é notório que essa opinião faz parte de uma formação discursiva construída através de um contexto social no qual esta pessoa está inserida, assim, o discurso foi internalizado e trazido pra si, construindo uma opinião própria. A segunda resposta demonstra um domínio de si, ou seja, possui uma opinião formada, e por ser uma resposta curta, expõe um autocuidado de apenas discordar do que foi questionado. Esse técnica é uma atividade muito usada pelos sujeitos.

A negação da escola como um espaço de esclarecimento, o chamado Estado laico, quer dizer que se na escola não é possível construir esse conhecimento, diante a sociedade não será tão fácil essa construção de conhecimento. Então, é de extrema importância que os estudantes tenham acesso à informação, para após isso, construir suas próprias opiniões.

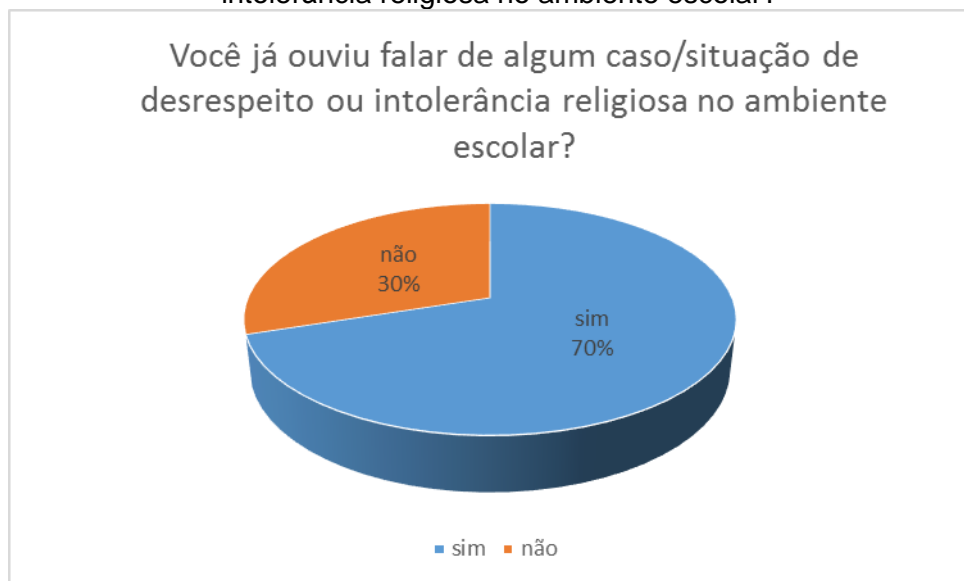
Por fim, as duas últimas respostas expõe opiniões favoráveis. Com isso, mostra uma formação discursiva diferente das respostas anteriores, visto que o convívio social destes indivíduos são diferentes, conseqüentemente, provocando o conhecimento de mundo também são. Nestas respostas ficam evidenciadas as questões do poder/saber destes sujeitos. Sendo assim, Foucault (1993, p.208) afirma que “o poder consiste em relações complexas. Essas relações implicam um conjunto de técnicas racionais e a eficiência delas devesse à subtil integração de tecnologias de coerção e de tecnologias do eu”. Já em relação ao saber, Weizenmann (2012, p.62) diz que “a aparição de objetos de saber dirigidos por

imperativos morais sedimenta a objetividade em múltiplas objetivações possíveis, temporalizadas e restritas aos seus horizontes discursivos”.

Desta forma, exame de si mesmo junto com a propriedade do poder/saber faz o uso da consciência do sujeito facilitando a compreensão e avaliação daquilo que foi feito, daquilo que deveria ter sido feito, e até mesmo a comparação dos dois.

A sexta pergunta foi a seguinte: “você já ouviu falar de algum caso/situação de desrespeito ou intolerância religiosa no ambiente escolar? Se sim, qual?” Nesta questão, buscamos instigar os entrevistados a discorrerem sobre casos que os mesmos já presenciaram de intolerância religiosa no ambiente escolar. Antes de analisarmos as respostas, vamos averiguar se os mesmos já presenciaram esta situação, os dados coletados estão destacados no seguinte gráfico:

Gráfico 6: você já ouviu falar de algum caso/situação de desrespeito ou intolerância religiosa no ambiente escolar?



Fonte: Fonte: Dados coletados na pesquisa (2021)

De acordo com o gráfico, 30% dos entrevistados não presenciaram nenhum caso de intolerância religiosa no ambiente escolar, já 70% presenciaram sim estes atos de preconceito. Esses números apontam que, historicamente, esse preconceito religioso foi normalizado. Isso reforça ainda mais a importância da educação básica inserir um conteúdo maior de religiões nas aulas de Ensino Religioso, pois só com o conhecimento, esse problema histórico seria resolvido.

A seguir analisaremos algumas respostas coletadas no questionário: “Sim, muitos alunos e até professores acreditam que sua religião é a única certa e falam

que sua religião é demônio ou que você vai para o inferno”. Ainda nesse viés, o entrevistado disserta:

Sim, além de acompanhar esses casos em sites de notícias, vejo que essa intolerância está presente até no meio em que vivo, já que presenciei diversas vezes pessoas apontado e julgando o outro por acreditarem em algo diferente, soltando piadas e colocando “apelidos” nessas pessoas (Entrevistado 10).

No primeiro fragmento destaca uma opinião que discorre sobre um pensamento que representa a sociedade. Esta ideologia que as religiões de matrizes africanas são do “demônio” ou que quem segue essas religiões vão para o “inferno” como destacado na resposta do entrevistado, demonstra o quanto o saber/poder de um grupo de indivíduos é capaz de modificar uma opinião de toda sociedade. Francisco Rivas Neto afirma para o site BBC NEWS (2021), sacerdote e fundador da Faculdade de Teologia com ênfase em Religiões Afro-Brasileiras diz que:

Os afro-brasileiros são discriminados, tratados com preconceito, para não dizer demonizados, por sermos de uma tradição africana/afrodescendente. Logo, estamos afirmando que o racismo é causa fundamental do preconceito ao candomblé e demais religiões afro-brasileiras

Dessa forma, essa demonização é parte da construção social, construção essa que é preconceituosa é intolerante. Oliveira (2003, p.) afirma que “o diálogo sobre diversidade cultural religiosa se apresentam como um dos elementos para a formação integral do ser humano no espaço escolar encaminham vivências e direito à diferença”. Por isso, a escola tem o papel de apresentar toda essa diversidade para uma melhor construção social.

O segundo enunciado destaca mais uma vez o sujeito ideológico, que essas formações de discurso estabelecem uma relação entre si e também de dominação sobre o que está sendo dito. O mesmo ainda possui um tom de autoridade, expressando uma dominação daquilo que está sendo exposto. Sendo assim, possui uma representação no enunciado fazendo com que o mesmo seja responsável pelo o que está sendo reproduzido.

Nestes fragmentos expostos compreendemos que a formação discursiva sobre o preconceito diante as religiões de matrizes africanas resultam na construção

ideológica que os entrevistados tiveram ao longo de sua vida. Isto posto, conseguimos perceber também alguns verbos no pretérito imperfeito já que exprime uma ação com caráter durativo, não limitada no tempo, como os verbos: “acreditarem”, “apontando” e “julgando”. Visto que esses discursos podem ser construídos a partir de um grupo determinado, essa formação discursiva pode gerar polemicas ou controvérsias quando são partilhadas em outros grupos.

No último questionamento da nossa análise buscamos identificar diretamente a opinião dos entrevistados os motivos que levam aos atos de intolerância religiosa, com a seguinte pergunta: “na sua opinião, por que as pessoas que praticam religiões de matriz africana são as que mais sofrem preconceito no Brasil?” Foram escolhidos os seguintes enunciados para análise: “Por que as pessoas relacionam as religiões matriz africana a algo ruim ou como costumam dizer "macumba" ou "algo do diabo"”.

Por inúmeras e inúmeras questões. Uma delas é que (posso estar errada) predominante quem segue religiões de matrizes africanas são pessoas de cor, e como o Brasil é um país extremamente racista mesmo sendo diversificado, o preconceito vai além do ser externo e acaba atingindo até os ideais da pessoa. A verdade é que religiões que não tenham Cristo como figura principal sofrem bem mais preconceito, isso me fez lembrar as religiões indígenas que também sofrem muito preconceito, geralmente tudo aquilo que envolve espíritos sofre muito preconceito pois acham que é algo maligno ou "macumba" (Entrevistado 2).

Acredito que isso está muito ligado ao racismo, já que essas religiões chegaram ao Brasil através dos escravos e que eram vistas como “erro”, justamente por ser praticada por escravo que foi vista como uma religião de origem “maligna” e que esse problema permaneceu até O século 21 e que eu acredito que irá permanecer até um bom tempo até as pessoas entenderem sobre o amor ilimitado de Deus, já que eu acredito que ele não põe um “mas” no seu amor, apenas ama, e isso que a sociedade deveria seguir (Entrevistado 10).

No primeiro fragmento podemos perceber que a ideologia deste sujeito está totalmente formada sobre o assunto; a sua opinião demonstra que o mesmo é dotado de poder/saber dominante, sendo que ele exerce um domínio em seu enunciado. Sobre este domínio do saber Foucault afirma que:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; [...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; [...] um

saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2008, p.204).

Sendo assim, conseguimos identificar alguns elementos que determinam esse domínio do saber e ideologia. Quando este sujeito afirma que “a verdade é que religiões que não tenham Cristo como figura principal sofrem bem mais preconceito”, automaticamente ele defende uma verdade real de acordo com o seu ponto de vista, ou até mesmo por conta de experiências já vividas.

Neste primeiro fragmento, o entrevistado deixa explícito que existe um preconceito racial. Esse preconceito está relacionado à descendência das religiões de matrizes africanas. A escravidão do povo preto deixou cicatrizes que marcaram a história. Isso deixa claro que a diversidade cultural tem que ser falada dentro da sala de aula; se as escolas possibilitarem esse acesso ao estudo de diversidade cultural e religiosa, possibilitaríamos uma reparação histórica.

A verdade de um indivíduo é algo variável, é um produto da história, existe nas mais diversas formas. Determinados grupos ou indivíduos obtenham determinados privilégios na sociedade, assim, constituem diversos discursos e por ter acessos a estes privilégios de conhecimento, considera-se o mais próximo do verdadeiro. O poder é resultado da verdade, ou seja, quem detém a narrativa sobre um campo tem poder sobre esse campo.

No fragmento seguinte, o sujeito defende o seu discurso utilizando termos pejorativos como “macumba” ou que as religiões afro-brasileiras são “algo do diabo”, entendemos que esses termos são comuns entre a nossa sociedade, e esses sujeitos possuem acesso a esta narrativa em seu cotidiano. Isto posto, este sujeito está reproduzindo um discurso já formado por um outro sujeito que compõe o seu círculo social.

Por conseguinte, o terceiro fragmento faz uma ligação histórica no que ele acredita ser a raiz do problema de nossa temática, isto posto, identificamos mais uma vez um domínio sobre a produção deste enunciado. Sendo assim, este indivíduo é dotado de poder/saber e possui uma ideologia formada.

No campo semântico, os três fragmentos possuem elementos com cargas fortes quando se referem à acusação de “falta de Deus” ou no uso de termos pejorativos, como “macumba” e interligando ao racismo a prática de intolerância.

Depois de responder a todos os questionamentos, os entrevistados conseguiram chegar até a última pergunta com opiniões constituídas acerca da nossa temática. Eles puderam resgatar da memória suas experiências de vida, mostrar a ideologia que foi constituída ao longo de sua vida, e ainda evidenciar a construção discursiva presente nos enunciados formados por eles mesmos. Os entrevistados ainda conseguiram expor pensamentos, ideologias e conhecimento sobre a abordagem desta pesquisa, tornando-a extremamente rica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível reafirmarmos que a intolerância religiosa como um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou mesmo a quem não segue uma religião e que este problema social não é um fenômeno recente, tendo em vista que durante toda a história da humanidade acontecem conflitos religiosos em que ocorreram extermínios, perseguição e preconceito, por razões dessa natureza.

Compreendemos também que nos dias atuais, a intolerância é crime e as religiões são protegidas por leis. A Constituição de 1988 afirma que é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. Sendo assim, desde de 1988 o Brasil respeita perante a lei a laicidade dos indivíduos.

Por meio desta pesquisa evidenciamos, após a realização de uma análise feita a partir de questionários, que as principais vítimas de intolerância religiosa realmente são os adeptos de religiões de matrizes africanas. Todos os entrevistados que afirmaram ter presenciado casos de intolerância, alegaram que as vítimas eram do candomblé ou umbanda, e essas pessoas são vítimas diárias de preconceito, opressão, discriminação e até mesmo violência física.

Esta pesquisa, mesmo delimitada em algumas escolas de Mossoró, tornou possível problematizar que essa questão é de relevância nacional, pois evidenciamos que todo essa intolerância parte de uma construção histórica, então, faz parte da história deste país. Para amenizar o problema e proporcionar uma reparação histórica, é necessário modificar a grade comum curricular e adicionar essa diversidade cultural e religiosa nas aulas de Sociologia e Ensino Religioso.

Este trabalho buscou apontar as principais formações discursivas presentes nos discursos produzidos pelos alunos matriculados no ensino médio das escolas do município de Mossoró. Além disso, apresentamos algumas categorias de análise presentes na Análise do Discurso com o intuito de compreender quais as condições de produção do discurso de intolerância religiosa.

O progresso desta pesquisa se deu no entendimento dos conceitos considerados primordiais para a realização da nossa análise, para isso utilizamos

para os conceitos de AD as explicações do Michel Foucault quando se trata de saber/poder, método arqueogenealógico e suas categorias. Com os conceitos de Claudemar Fernandes, entendemos o que seria o sujeito, sentido e memória. Já com Eni Orlandi, compreendemos o que seria a própria análise do discurso e formação discursiva.

Para os conceitos relacionados a religiosidade foram utilizadas as explicações de Mariana Oliveira referentes a intolerância, laicidade e sincretismo religioso. Já a Nathalia Klippel nos mostrou algumas diferenças entre a umbanda e o candomblé. Por fim, expomos leis que defendem a laicidade religiosa.

Partindo desses pressupostos, o nosso principal objetivo, analisar como ocorre a produção dos discursos sobre intolerância religiosa, relacionada às religiões de matrizes africanas, em algumas escolas da cidade de Mossoró RN. As respostas analisadas mostraram que a sociedade contemporânea carece dessa forma de compreender os diferentes mundos da existência, diferentes crenças e aceitar as escolhas dos outros a partir da perspectiva dos outros. As análises mostram um ponto de vista positivo do que está sendo estabelecido para uma imagem positiva sobre o assunto que estamos abordando, e também apoiam a expressões das religiões afro-brasileiras. Quando o sujeito estabelece sua verdade, permite-lhe compreender que o conhecimento está relacionado à construção de sua ideologia e de seu próprio campo, que envolve o poder ou os interesses de um determinado indivíduo ou grupo.

Percebemos que esses discursos podem ser construídos a partir de um grupo específico, e que a formação de tais discursos vai gerar polêmica quando compartilhada entre outros grupos. Descobrimos que alguns termos são comuns nas respostas ao nosso questionário se tratando dos motivos pelos quais os adeptos de religiões de matrizes africanas sofrem, alegaram que a sociedade se refere as mesmas com acusações de "falta de Deus" ou usam termos depreciativos como "macumba" e relacionam racismo com intolerância. Em nossa sociedade, esses sujeitos podem entrar em contato com essa narrativa em seu cotidiano. Em outras palavras, esse sujeito está copiando um discurso que foi formado por outro sujeito que constitui seu círculo social.

Nesta pesquisa, identificamos discursos que exploraram as memórias vividas pelos participantes. As respostas apresentam o que eles julgaram ser verdade. Neles, também são apresentados conteúdos culturais muito presentes, e esses

elementos constituem esses discursos ideológicos. As respostas citadas mostram que a sociedade contemporânea carece dessa forma de compreender os diferentes mundos da existência, as diferentes crenças e aceitar as escolhas dos outros a partir da perspectiva dos outros, ou seja, nossa sociedade.

Os colaboradores foram capazes de extrair da memória suas experiências de vida, mostrar a ideologia que formaram ao longo de suas vidas e evidenciar suas opiniões com discurso em seus próprios depoimentos. Os entrevistados ainda conseguiram expor as ideias, ideologias e conhecimentos sobre a temática da nossa pesquisa, tornando-o muito rico.

Tendo em vista que a temática de intolerância é pouco discutida pelo aporte teórico da Análise dos Discurso, esta pesquisa torna-se completamente necessária para o meio acadêmico. A partir deste trabalho compreendemos singularidades dos sujeitos e como são constituídos através dos discursos analisados.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. **Jornal do Senado**. Brasília: Senado Federal, 2001.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. Filogênese, Marília, v. 6, n. 2, p. 148-162, jan. 2013.
- BATISTA, Gustavo Araújo. **John Locke: Educação para a tolerância religiosa**. 2016. 11 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- BATISTA, Gustavo Araújo. John Locke: Educação para a tolerância religiosa. *In: Horizontes*, v. 34, n. 1, p. 9-20, jan./jul. 2016.
- BORIN, Luiz Claudio. **História do Ensino Religioso no Brasil**. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018. (E-book).
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 10, abril, 1942.
- BRASIL. Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 06 de maio, 1931.
- BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1961.
- BRASIL. Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 12 de agosto, 1971.
- BRASIL. Lei nº 9.475/97, de 22 de julho de 1997. Estabelece mudança no artigo 33 da Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 23 de julho, 1997.
- BRASIL. Artigo 176, § 3º, inciso V, da Emenda nº 1/1969. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 20 de outubro, 1969. Retificado em 21 de outubro, 1969 e republicado em 30 de outubro, 1969.
- FERNANDES, Cleudemar. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luíz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e subjectividade** (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Eduardo Jardim e Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JARDIM, Edison Donizetti Rodrigues. Candomblé: expressão da cultura e religiosidade do negro no brasil. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em: 03 mar. 2021. ISBN 978-85-8015-093-3.

KLIPPEL, Nathalia Santos. **Intolerância Religiosa**: a coexistência da Umbanda e do Neopentecostalismo. 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

OLIVEIRA, L. B. de. **Formação de docentes para o ensino religioso**: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero. Tese (Doutorado em Teologia área de concentração: Educação e Religião). São Leopoldo: EST/IEPG, 2003.

OLIVEIRA, Mariana Montalvão. **A questão da intolerância religiosa, na perspectiva do direito brasileiro**. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Unievangélica, Anápolis, 2018.

WEIZENMANN, Mateus. **A constituição objetiva do sujeito moderno no diagnóstico de Michel Foucault**: uma digressão entre poder e saber no discurso da arqueogenealogia. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1. Você possui alguma religião? Se sim, qual?
2. O que seria intolerância religiosa para você?
3. Você conhece alguma religião de matriz africana? Se sim, quais?
4. Qual a sua opinião sobre as religiões de matrizes africanas?
5. O que você acha da presença de manifestações e/ou de símbolos religiosos na escola?
6. Você já ouviu falar de algum caso/situação de desrespeito ou intolerância religiosa no ambiente escolar? Se sim, qual?
7. Na sua opinião, por que as pessoas que praticam religiões de matriz africana são as que mais sofrem preconceito no Brasil?

ANEXO A - RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

1. Você possui alguma religião? Se sim, qual?

Entrevistado 1: Cristianismo

Entrevistado 2: No caminho para o BUDISMO.

Entrevistado 3: Sim, católica

Entrevistado 4: Sim, Cristianismo

Entrevistado 5: Sim, sou cristão!

Entrevistado 6: Sim; Cristianismo

Entrevistado 7: Não

Entrevistado 8: Evangélica

Entrevistado 9: wicca

Entrevistado 10: Sou teísta, mas não sigo religião.

2. O que seria intolerância religiosa para você?

Entrevistado 1: Tratar outras pessoas de diferentes religiões com desprezo

Entrevistado 2: Discriminação, falta de respeito e perseguição com a fé e/ou crença religiosa de uma pessoa ou de um grupo de pessoas religiosas.

Entrevistado 3: Intolerância religiosa e quando os outros não respeitam as diferentes crenças

Entrevistado 4: Alguém que não aceita meus ideais e minha personalidade cristã e zomba da minha religião

Entrevistado 5: pessoas que não aceitam e respeitam a crença do próximo, por muitas vezes julgam, criticam!

Entrevistado 6: Falta de respeito com crenças religiosas.

Entrevistado 7: Não saber respeitar e ainda julgar alguém só por causa de sua posição religiosa.

Entrevistado 8: E um preconceito contra religião, e negar a existências da religião

Entrevistado 9: Quando as pessoas discriminam e desrespeita uma religião que é diferente da sua.

Entrevistado 10: Em meu ponto de vista, a intolerância religiosa é de certo modo uma agressão verbal ou física em que o intolerante expõe todo o seu ódio contra o indivíduo que possui uma religião e pensamento diferente do seu, sendo assim, ele apenas acredita em sua crença e não admite a crença do outro, essa pessoa se

limita a acreditar que somente o meio em que pensa é o único “certo” e que os demais são abominações criadas por humanos.

3. Você conhece alguma religião de matriz africana? Se sim, quais?

Entrevistado 1: Não.

Entrevistado 2: Não, mas gostaria.

Entrevistado 3: Sim, Candomblé.

Entrevistado 4: Sim. Umbanda, candomblé.

Entrevistado 5: Sim, Candomblé.

Entrevistado 6: Sim. Candomblé.

Entrevistado 7: Sim, candomblé e Xangô

Entrevistado 8: Sim, Umbanda e Candomblé.

4. Qual a sua opinião sobre as religiões de matrizes africanas?

Entrevistado 1: São peculiares entre si.

Entrevistado 2: Não tenho opinião nenhuma, todos devem ser livres para escolherem suas próprias religiões e crenças, seja ela de origem brasileira, europeia, africana...

Entrevistado 3: Temos que respeitar cada um com sua crença.

Entrevistado 4: uma raiz muito forte e religião voltada para seus antepassados.

Entrevistado 5: Eu respeito bastante e confesso que admiro, tenho curiosidade para saber mais sobre essas religiões.

Entrevistado 6: Não sei muito sobre, mais sei que são vistos com desconfiança por grande parte da população.

Entrevistado 7: Elas existem, e é isso, não cabe a mim decidir o que as pessoas devem seguir ou orar sobre qualquer coisa.

Entrevistado 8: Eu não conheço nenhuma religião matriz.

Entrevistado 9: Não tenho opinião.

Entrevistado 10: Minha opinião é que essas religiões são sagradas para os praticantes e que estão ligadas à um plano espiritual muito forte, ou seja, existe muita dedicação nesse meio, e diferente do que vejo as pessoas comentarem que não é “algo de Deus” eu noto muito a presença do próprio quando converso com alguém da religião de matriz africana, Deus continua sendo Deus nessa religião, o problema está nos intolerantes que não buscam conhecer a verdade do outro.

5. O que você acha da presença de manifestações e/ou de símbolos religiosos na escola?

Entrevistado 1: Desnecessário, pois nem todos têm a mesma crença

Entrevistado 2: Não acho que seja necessário na educação de uma criança, acho que é papel da família orientar a criança sobre religião, a escola deve sim dar educação religiosa como parte da formação do ensino fundamental, mas não deve, em nenhuma hipótese influenciar e/ou induzir uma criança a escolher sua religião. A escola não deve ter palavra na escolha da criança, a escolha é da criança e apenas dela, e como toda criança absorve o que vê e o que experimenta, eu acho melhor evitar símbolos religiosos em tal ambiente.

Entrevistado 3: Errado, escola e religião não se misturam.

Entrevistado 4: Acho que a escola não tem que ser nenhum pouco intolerante pois cada um expressa sua religião do jeito que sabe.

Entrevistado 5: eu acho superimportante e interessante, pois assim, as crianças desde pequenas aprendem a respeitar as diferenças religiosas.

Entrevistado 6: Respeito.

Entrevistado 7: Eu não concordo por que seria mais um motivo para atarem as pessoas que seguem outra religião diferente da que a escola "prega".

Entrevistado 8: Os símbolos e representa personagens bíblicos e também de outras religiões, dependendo dos símbolos

Entrevistado 9: Acho que não deveria ter, pois nem todo mundo compartilha a mesma crença

Entrevistado 10: Referente às escolas, eu vejo que deve ser um ambiente laico, principalmente por ser no Brasil já que existe muita diversidade e diferentes religiões, vejo que a apenas os colégios ditos religiosos como os das igrejas católicas onde praticamente todos os estudantes são católicos, não há problema em ter presenças de símbolos religiosos, porém em escolas públicas e em algumas particulares não vejo a necessidade em ter esses símbolos, visto que pode ser uma ofensa para alguém além de que influencia alguns alunos a serem intolerantes com um colega de outra religião.

6. Você já ouviu falar de algum caso/situação de desrespeito ou intolerância religiosa no ambiente escolar? Se sim, qual?

Entrevistado 1: Não

Entrevistado 2: Sim. Conheci pessoas da minha sala muitos anos atrás que eram intolerantes a católicos, sempre comentava isso em rodas de amizade mesmo se houvesse alguém católico presente.

Entrevistado 3: Não.

Entrevistado 4: Algumas pessoas zombam da umbanda.

Entrevistado 5: Nunca vi de fato acontecendo, mais com certeza deve ter.

Entrevistado 6: Ninguém próximo a mim, mas já ouvi falar por notícias da TV ou redes sociais.

Entrevistado 7: Já vi alunos falando mal de pastores das Igrejas, e pessoas que não acreditam em Deus e em nenhuma religião.

Entrevistado 8: Sim, muitos alunos e até professores acreditam que sua religião é a única certa e falam que sua religião é demônio ou que você vai para o inferno

Entrevistado 9: Sim, além de acompanhar esses casos em sites de notícias, vejo que essa intolerância está presente até no meio em que vivo, já que presenciei diversas vezes pessoas apontado e julgando o outro por acreditarem em algo diferente, soltando piadas e colocando “apelidos” nessas pessoas.

7. Na sua opinião, por que as pessoas que praticam religiões de matriz africana são as que mais sofrem preconceito no Brasil?

Entrevistado 1: Falta de registros históricos, falta de interesse por uma religião que não tem status social como outras e ao fato de suas doutrinas serem, em geral, transmitida de maneira oral.

Entrevistado 2: Por inúmeras e inúmeras questões. Uma delas é que (posso estar errada) predominante quem segue religiões de matrizes africanas são pessoas de cor, e como o Brasil é um país extremamente racista mesmo sendo diversificado, o preconceito vai além do ser externo e acaba atingindo até os ideais da pessoa. A verdade é que religiões que não tenham Cristo como figura principal sofrem bem mais preconceito, isso me fez lembrar as religiões indígenas que também sofrem muito preconceito, geralmente tudo aquilo que envolve espíritos sofre muito preconceito pois acham que é algo maligno ou "macumba".

Entrevistado 3: Por que a maioria é negra.

Entrevistado 4: Porque não aceitam que hajam pessoas diferentes.

Entrevistado 5: no meu ver é devido a ignorância que muitas pessoas têm, e não respeitam a escolha dos próximos.

Entrevistado 6: Pois ela não tem status social com outras religiões.

Entrevistado 7: Por que as pessoas relacionam as religiões matriz africana a algo ruim ou como costumam dizer "macumba" ou "algo do diabo".

Entrevistado 8: Eu não sei o que são religiões matrizes, e nunca ouvi alguém falando mal da religião matriz africana.

Entrevistado 9: Acho que devido a crença de outras religiões as pessoas acabam marginalizando uma religião da qual nunca procurou entender.

Entrevistado 10: Acredito que isso está muito ligado ao racismo, já que essas religiões chegaram ao Brasil através dos escravos e que eram vistas como "erro", justamente por ser praticada por escravo que foi vista como uma religião de origem "maligna" e que esse problema permaneceu até O século 21 e que eu acredito que irá permanecer até um bom tempo até as pessoas entenderem sobre o amor ilimitado de Deus, já que eu acredito que ele não põe um "mas" no seu amor, apenas ama, e isso que a sociedade deveria seguir.

Fonte: Entrevistados da pesquisa.